

Cidades

FOTOS: ANTONIO MOREIRA/AT



PONTOS TURÍSTICOS, como o Convento da Penha, estão entre as preferências de Djalma Pereira. “Gosto de pintar casarões antigos e paisagens em geral”, diz o artista

A TRIBUNA COM VOCÊ EM ALVORADA

Superação e arte após sofrer acidente

Depois de ficar tetraplégico, Djalma Pereira desenvolveu técnica em que usa a boca e os dedos para pintar quadros

Tayla Oliveira

Morador de Alvorada, em Vila Velha, há 30 anos, o artista plástico Djalma Pereira, 50, descobriu a pintura em tela após sofrer um grave acidente de carro, em 1996, que o deixou tetraplégico.

“Eu fiquei dois meses em coma e oito meses na cama. Dois anos depois, já cansado de tanto sofrer, eu encontrei na arte um apoio para superar a depressão e as limitações do acidente”, contou.

Segundo Djalma, antes ele só ti-

nhava o movimento do pescoço para cima. “Depois que comecei a pintar telas com o auxílio da boca, o estímulo me ajudou a recuperar um pouco o movimento dos braços e dos dedos”, disse.

Na pintura em tela com tinta a óleo, o artista plástico tem entre as suas preferências as paisagens e pontos turísticos. “Agora estou reproduzindo o Convento da Penha, mas gosto de pintar casarões antigos e paisagens em geral”.

A sua primeira tela, Djalma não esquece. “Foi uma gravura do pintor espanhol Pablo Picasso. Essa eu não vendo para ninguém porque representou um divisor de águas na minha vida”.

Seus trabalhos já foram expostos em praias da Grande Vitória e também enviados para várias regiões do Estado e para o Rio de Janeiro. “O plano agora é expor na Praia da Costa e em Ponta da Fruta durante o verão. Para o próximo

ano também pretendo abrir uma loja aqui no bairro”, adiantou.

Além da pintura em tela, Djalma expandiu o seu trabalho. “Faço aerografia, uma técnica de pintura e ilustração semelhante ao grafite, mas que utiliza aerógrafos. Também customizo roupas, principalmente o jeans, e calçados, onde faço ilustrações e recupero os usados que foram descartados no lixo”.

Djalma conta que o dom pela arte vem da infância. “Quando eu era mais novo, por gostar de desenhar e de pintar, chamava a atenção de professores e amigos da escola, além de vizinhos e familiares”, lembrou.

Porém, nunca pensou em ter a arte como profissão. “Antes do acidente eu trabalhava como vendedor em uma loja e nunca pensei em ter a arte como profissão. A arte só virou profissão quando eu vi que ela me deixaria mais ativo”.

HISTÓRIA DO BAIRRO

Área de Mata Atlântica

- > **A REGIÃO** onde hoje é Alvorada possuía extensa área verde de Mata Atlântica e pertencia à família Caus, proprietária de fazendas de gado.
- > **OS PRIMEIROS** moradores chegaram ao local no início do século XX e eram, em maioria, descendentes de italianos e alemães vindos de municípios do interior do Estado.
- > **A ORGANIZAÇÃO** da comunidade começou ao redor do campo de futebol da região, que era usado pelos moradores como ponto de encontro e para discutir as necessidades do local.
- > **O BAIRRO** cresceu com o desenvolvimento da avenida Ernesto Canal e da antiga estrada Jerônimo Monteiro.

FONTE: Moradores do bairro.

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Os moradores de Alvorada, em Vila Velha, podem sugerir reportagens pelo e-mail atcomvoce@redetribuna.com.br. Quem mora em outras regiões também pode usar o mesmo endereço de e-mail para sugerir a visita do projeto **A Tribuna com Você** ao seu bairro.

AS RECORDAÇÕES



ROBERTO: área central era brejo

Casas de madeira

Morador do bairro há 54 anos, Roberto de Souza, 67, disse que a região do bairro Alvorada, em Vila Velha, tinha poucas casas.

“Eram poucas as casas, e todas elas eram de madeira. A área central era um brejo e não tinha pavimentação. Também era comum ver bois, cavalos e carneiros circulando pela rua”, contou.

O desenvolvimento, segundo ele, aconteceu a partir dos anos 1980. “Quando chegou asfalto, os ônibus começaram a circular no bairro”.



ALÍRIO mora no bairro há 55 anos

Água de chafariz

O aposentado Alírio Costa, 84, mora no bairro Alvorada há 55 anos. Ele lembra que ao chegar à região, ainda não havia água encanada no local e os poucos moradores tinham de buscar água em um chafariz.

“Eu lembro que os moradores voltavam com baldes na cabeça trazendo água. Essa era a única fonte que nós tínhamos. Era isso ou ficávamos sem água em casa”, salientou.

Além disso, na avenida principal, Ernesto Canal, existia uma lagoa. “Essa lagoa, porém, era imprópria. Anos depois é que começamos a receber investimentos, como asfalto”.